

“A MENTE NINGUÉM PODE ESCRAVIZAR”: MARIA FIRMINA DOS REIS E A ESCRITA NEGRA FEMININA COMO CONSTRUTORAS DA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

Leliane Amorim Faustino¹

Resumo: Este texto traz os resultados parciais do projeto de mestrado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Ouro Preto. Nosso objetivo se concentra na análise da trajetória da escritora e professora Maria Firmina dos Reis (1822-1917), e do romance *Úrsula* (1859), com recorte nas personagens pretas na condição de escravizadas: Susana, Túlio e Antero. Acreditamos ser possível identificar na construção dessas personagens, representações da pessoa negra que se diferem daquelas elaboradas a partir de estereótipos presentes no corpus narrativo romântico oitocentista. Nesse sentido, a metodologia historiográfica, a teoria da história e o estudo de história da historiografia brasileira se somam à análise literária e são entendidas como ferramentas de análise do discurso na construção deste trabalho, funcionando como orientadoras para projetar Maria Firmina como uma mulher negra letrada e politicamente ativa em seu contexto, o Maranhão na segunda metade do século XIX. Por meio dessa imersão, busca-se delinear o conceito de liberdade trazido pela autora, que só ocorre em um cenário sem Escravidão. Na impossibilidade de tal realização, Maria Firmina teve por escolha, a elaboração de enredo que se vale da metáfora como figura de linguagem capaz de associar liberdade à morte. Dessa forma, pretendemos apontar o corpo negro como *episteme*, sobretudo o feminino, e sua inscrição na literatura romântica brasileira, no que concerne ao local de produção e enquanto sujeito narrado pelo romantismo.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; história da historiografia brasileira; ficção e teoria da história; escrita negra feminina; literatura e sociedade.

“L'ESPRIT QUE PERSONNE NE PEUT ASSERVIR”: MARIA FIRMINA DOS REIS ET L'ÉCRITURE FÉMININE NOIRE EN TANT QUE CONSTRUCTRICES D'HISTOIRE DANS L'HISTORIOGRAPHIE BRÉSILIENNE.

Résumé: Cet article présente les résultats partiels du projet de maîtrise développé dans le cadre du programme de troisième cycle en histoire de l'Université Fédérale d'Ouro Preto. Notre objectif est d'analyser la trajectoire de la écrivaine et enseignante Maria Firmina dos Reis (1822-1917), et le roman *Úrsula* (1859), en se concentrant sur les personnages noirs dans la condition d'esclaves : Susana, Tulio et Antero. Nous pensons qu'il est possible d'identifier dans la construction de ces personnages, des représentations de la personne noire qui diffèrent de celles élaborées à partir des stéréotypes présents dans le corpus narratif romantique du XIXe siècle. Dans ce sens, la méthodologie historiographique, la théorie de l'histoire et l'étude de l'histoire de l'historiographie brésilienne se joignent à l'analyse littéraire et sont comprises comme des outils d'analyse du discours dans la construction de ce travail, fonctionnant comme des guides pour projeter Maria Firmina comme une femme noire lettrée et politiquement active dans son contexte, l'état de Maranhão dans la seconde moitié du XIXe siècle. A travers cette immersion, nous cherchons à esquisser le concept de liberté apporté par l'auteur, qui n'existe que dans un scénario sans esclavage. Dans l'impossibilité d'une telle réalisation, Maria Firmina a eu le choix de développer une intrigue qui fait appel à la métaphore comme figure de style capable d'associer la liberté à la mort.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) de 2015 a 2017 e produtora e roteirista do núcleo de jornalismo da TV UFOP (2019). É membra do Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM-UFOP), do Grupo de estudos História, Cultura e outras Linguagens (HILL-UFMA) e do Coletivo Negro Braima Mané (CNBM).

Ainsi, nous avons l'intention de mettre en évidence le corps noir en tant qu'épistème, surtout féminin, et son inscription dans la littérature romantique brésilienne, en ce qui concerne le lieu de production et en tant que sujet raconté par le romantisme.

Mots-clés : Maria Firmina dos Reis ; histoire de l'historiographie brésilienne ; fiction et théorie de l'histoire ; écriture féminine noire ; littérature et société.

Introdução: *Fragments de uma vida*²...

“Uma maranhense”. Assim foi apresentada Maria Firmina dos Reis na primeira edição do romance *Úrsula*, publicado em 1859, pela Tipografia do Progresso, em São Luís do Maranhão. Ela opera com seu dispositivo de invisibilidade, o uso de pseudônimo, algo relativamente comum no Antigo Regime, se projetarmos a condição da escrita feminina no século XIX, e que pode nos revelar também o entendimento próprio de Firmina acerca do seu local de produção literária: negra e mulher, e em consequência, sobre as condições de recepção de sua obra.

Nascida em São Luís, no dia 11 de março de 1822, mudou-se ainda criança para São José de Guimarães, comarca próxima à capital (ADLER, 2015, p.219). A infância da escritora carece de melhores informações, sendo uma das partes ainda fragmentadas para sua construção historiográfica. Em 1847 é efetivada ao cargo de professora do ensino básico público em Guimarães, e, anos depois, em Maçaricó, localidade também próxima à São Luís, fundou uma aula mista, cuja pretensão era educar simultaneamente meninas e meninos (BLAKE, 1900, p. 232). O projeto logo foi repellido, tendo em vista os distintos caminhos educativos quanto à gênero no período.

Sobre a ascendência de Maria Firmina, sabe-se que era filha de Leonor Felippa dos Reis, “molata forra”, como consta nos autos da *Certidão de Justificação de Batismo*, documentação consultada pela pesquisadora Dilercy Aragão Adler, no Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEM), e que embora não tivesse reconhecimento legal, João Pedro Esteves³:

(...) sócio do Comendador Caetano José Teixeira (1760-1818), ex-proprietário de Leonor Felippa dos Reis, homem de natureza portuguesa, comerciante e

² O título desta seção faz referência à obra *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida* (1975) de autoria de José Nascimento Morais Filho, sendo a primeira biografia da escritora. O texto de Morais Filho foi digitalizado e dividido em seis partes, que agrupam os relatos de pessoas que conviveram com Maria Firmina, bem como seus textos literários. A digitalização não possui paginação, sendo assim, quando se fizer necessário sua citação, indicaremos qual dos volumes e numeração referente à página do arquivo.

³ A atribuição da paternidade de Maria Firmina dos Reis à João Pedro Esteves, só foi legalmente atestada na certidão de óbito da escritora (MORAIS FILHO, 1975, vol. 06, p.24).

negociante de pessoas escravizadas (ADLER, 2015. p. 219) — era figura conhecida como seu pai.

Para além de *Úrsula*, Firmina publicou *Gupeva* (conto/ novela indianista. 1861); *Cantos à beira mar* (poesia. 1871) e *A escrava* (conto. 1887). Em 1888 compôs letra e música do *Hino de libertação dos escravos* (MORAIS FILHO, 1975). Foi colaboradora assídua de diversos periódicos locais, dentre eles: *A imprensa* (1860); *Publicador Maranhense* (1861); *A verdadeira Marmota* (1861-1862)⁴. Os jornais foram veículos fundamentais para a difusão do nome e texto de Maria Firmina dos Reis, ainda que datados da segunda metade do século XIX e localizado no estado do Maranhão.

Maria Firmina passou grande parte da sua vida em Guimarães, conciliando a carreira docente com a produção literária. Adotou e foi madrinha de diversas crianças, algumas delas também foram suas alunas. Os relatos de Nhazinha Goulart e Leude de Guimarães, dois de seus filhos adotivos, foram indispensáveis para a construção da biografia feita por José Nascimento Morais Filho (1975), indicando sua postura em convívios rotineiros.

A escritora morreu em 1917, aos 95 anos de idade, na cidade de Guimarães. Deixou seu “Álbum⁵”, espécie de diário, onde escrevia poesias para amigas e amigos pelos quais demonstrava grande afeto, bem como notas sobre seu atual estado de espírito, revelando por vezes sentimentos de tristeza e melancolia. “Bem compreendeis o que é um álbum — são as páginas d’alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança - saudade, ou dor, eis o que ele significa.” (MORAIS FILHO, 1975, vol.4, p.26).

A retomada póstuma da escritora ocorreu na segunda metade do século XX. Em 1962, o historiador Horácio de Almeida, encontrou em um sebo, na cidade do Rio de Janeiro, um exemplar original de *Úrsula*, ainda assinalado pelo pseudônimo “Uma maranhense”. Movido pela inquietação, recorreu então ao escritor maranhense José Nascimento Morais Filho, que através de incursões à Biblioteca Pública Benedito Leite - MA, assim como de consultas no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Sacramento Blake (1900). e por meio dos periódicos

⁴ Uma listagem completa dos jornais maranhenses que citam Firmina e aqueles em que publicou, pode ser acessada no Memorial de Maria Firmina dos Reis. Site organizado pelas pesquisadoras Fernanda Miranda, Luciana Diogo e Marília Correia, no intuito de propagar material digitalizado disponível sobre a vida e obra da escritora, a fim de contribuir para pesquisas e fomentar o interesse de leitoras e leitores sobre Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://mariafirmina.org.br/>. Acesso em julho de 2021.

⁵ O diário de Maria Firmina dos Reis, intitulado por ela como “Álbum”, após sua morte, ficou sobre a posse do filho Leude de Guimarães, que relata ter sido roubado em um hotel no qual era hóspede durante estadia em São Luís - MA. Dessa forma, os originais nunca foram encontrados e o texto só existe como parte integrante da biografia de Nascimento Morais Filho. (MORAIS FILHO, 1975, vol. 6, p. 4.).

oitocentistas onde a escritora aparece, conseguiram localizar o nome de Maria Firmina dos Reis (ZIN, 2016, p. 27).

Em 1975, Nascimento Moraes Filho, elaborou *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*, em que promoveu a reunião dos textos da autora e reproduziu parte das críticas e publicações de Firmina nos jornais oitocentistas e alguns relatos de pessoas que conviveram com a escritora. Nesse sentido, vale ressaltar que a recuperação do nome de Maria Firmina e de sua obra aconteceu devido à preservação da memória da população vimarense sobre sua atuação no campo da educação e pela forma como sua lírica é exaltada no estado do Maranhão, enquanto parceria essencial para a elaboração desta biografia. O texto, embora seja de grande relevância para a desfragmentação da historicidade firminiana, precisa ser localizado em suas circunstâncias de estabelecimento temporal, na medida em que o foco narrativo foi feito a partir de uma evocação legítima pelo reconhecimento de Maria Firmina dos Reis como primeira romancista negra do Brasil⁶ - mas que por vezes, corrobora para a construção de uma imagem heroica ou ficcional sobre a escritora. Sendo assim, alguns dados acerca do seu nascimento foram atualizados, através da consulta aos *Autos de Justificação do dia de nascimento de Maria Firmina dos Reis*, feita por Dilercy Aragão Adler, já citada, em 2015. Dessa forma, acreditamos que as revisões, bem como novos fatos que possam contribuir para a biografia em constante formação de Maria Firmina dos Reis, são substanciais para uma historiografia que se ocupe objetivamente com a pluralidade de sujeitos e discursos em sua narrativa e de tal maneira naturalize a presença de corpos negros enquanto agentes no tempo nas mais variadas circunstâncias.

História e Literatura: relações e limites para o conhecimento histórico.

Para melhor situarmos Maria Firmina dos Reis e a forma como ela se inscreveu no romantismo brasileiro, precisamos estabelecer as relações e limites entre ficção e conhecimento histórico (WHITE, 1992; RICOEUR, 1997; CHARTIER, 2002). O campo História da Historiografia Brasileira como hoje o conhecemos não estava bem delimitado no século XIX, ao passo que percebemos a narrativa histórica ligada aos estudos literários ou ao domínio das ciências sociais (PEREIRA, 2011, p.21-22). Ao escreverem antologias de história da literatura, os homens das letras em grande medida também redigiram a história do Brasil. Assim sendo, o

⁶ Importante debate, promovido por outros intelectuais como Norma Telles (1987), Luíza Lobo (1988), Clóvis Moura (1994), e Eduardo de Assis Duarte (2018).

romance histórico era fonte narrativa para historiadores e, como as fronteiras entre o campo literário e historiográfico ainda não estavam bem delineadas, o público leitor consumia ao mesmo tempo romances e História.

Por sua vez, a consolidação de uma literatura brasileira estava intimamente ligada à ideia de evolução de um povo (PEREIRA, 2011, p. 203), premissa condizente com os silogismos românticos e modernistas⁷ pretendidos para a nação. Dessa forma, ao estabelecer uma gênese de criação que fosse capaz de se articular com o cenário internacional e, ao mesmo tempo, apresentasse características consideradas genuinamente brasileiras, colocariam o Brasil em um quadro de progresso e modernização gradativos, com condições de um dia se equiparar aos países do eixo norte ocidental, considerados desenvolvidos.

O texto literário romântico oitocentista era entendido como um lugar de produção do discurso da nacionalidade brasileira, enquanto preceito estético, havia a exaltação à pátria feita por meio de retrospectos narrativos, que criavam quadros imaginários refletindo a exuberância da paisagem brasileira (CANDIDO, 2017. p.328). Em concordância, a fim de traçar a *Cor local* (ASSIS, 1873) do país, elementos de grupos étnicos não brancos, ocupavam locais específicos nas tramas, sendo os povos originários retidos no momento de conquista de pessoas negras na condição de escravizadas (ALONSO, 2002, p.56).

A historiadora Ana Flávia Magalhães Pinto (2014), ao analisar a trajetória de literatos negros livres⁸ nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, durante o século XIX, afirma que a imprensa foi um veículo político difusor não só da produção literária dos intelectuais por ela investigados, mas também, de um ambiente onde estes escritores podiam se manifestar, alterando o estado de coisas na medida que atuavam diretamente nas redações dos jornais. Uma rede negra organizada em prol de garantir direitos mínimos, em meio a uma estratificação social que não os via como cidadãos legítimos, embora naquele contexto, a população brasileira já

⁷ Chamamos de modernismo, um discurso alargado, que permite ou tem como consequência o surgimento de movimentos artísticos, teóricos e sociais, despertando no tempo-espço a consciência de modernidade, onde se projetam valores como o novo, o avanço, a vanguarda. Esse discurso assenta-se na seleção de partes específicas de um passado que pode ser ressignificado ou, em sentimentos de ruptura com o que deseja ser esquecido (VELOSO, 2008, p. 353), feitas por meio de dispositivos de distinção, pautados sob um mote modernizante. Embora as artes demarquem o movimento modernista a uma cronologia específica, ligada a eventos que circundam a Semana de Arte Moderna em São Paulo, a produção de uma intelectualidade modernista é anterior a este tempo; desde o século XIX, percebe-se a estruturação de desejos por modernização nos discursos científicos, na escrita literária ou em projetos políticos, sobretudo pelos intelectuais da chamada “Geração de 1870” (HARDMAN, 1992, p.390). Por fim, precisamos ressaltar a ambiguidade gerada no discurso modernista, bem como nos projetos de modernização projetados para o país, ao passo que os muitos desejos por inovação e progresso não acompanharam planos efetivos para uma mudança também social, destacando o caráter excludente da modernidade.

⁸ A rede de intelectuais negros analisados por Ana Flávia Magalhães Pinto compreende: Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis, José do Patrocínio, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro. A ordem aqui citada é a mesma disposta pela autora em seu texto.

fosse composta majoritariamente por pessoas não brancas, como se pode verificar no censo 1872⁹, representando um problema para as elites locais.

Entendemos que a literatura e a imprensa incorporaram a seus respectivos discursos a presença de pessoas negras enquanto agentes, algo que a historiografia brasileira oitocentista não se ocupou devidamente. Acreditamos que esta invisibilização e deslocamento a lugares fixos de corpos negros na narrativa histórica se deva à ideia de sujeito universal da história (PEDRO; SOIHET, 2007, p.284), aquele que não só é detentor de protagonismo em suas narrativas, como é também quem está habilitado a escrevê-las, ao passo que produz saberes autênticos. Tal crença foi construída a partir do suposto potencial universalizante da história; ao falar do homem, todos os outros grupos estariam envoltos no conceito. Herdeira de uma metodologia iluminista, havia uma predileção por fontes onde predominavam espaços e vivências destinados ao masculino. Eram narradas histórias de governantes, guerras e batalhas, invisibilizando a presença feminina.

No que se pode observar da crítica feita pelos jornais oitocentistas, bem como da própria retórica firminiana, que no prólogo de *Úrsula* cria uma espécie de guia de leitura, onde defende sua escrita e aponta para o tipo de autora o qual se entende, há uma reivindicação por pertencimento temporal através do discurso que aponta uma luta por contemporaneidade recusada às mulheres negras. Ao se intitular como “autora de seus dias”, entendemos que a escritora demarca um *ethos* de autora que não só está conectada com seu contexto social, como propõe mudanças radicais a esta conjuntura, que só podem ocorrer em uma sociedade onde não existe a Escravidão. Através de um movimento político estratégico que se vale da estética romântica, Firmina consegue meios para se colocar como atual e tecer sua crítica antiescravista.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à *autora de seus dias*, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou quando menos, *sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras*, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (REIS, 2018, p.34, grifos nossos).

As ressalvas de Maria Firmina, embora atendessem também a um estilo de escrita, no que concerne a recepção de sua obra, apontam para quem detinha e ainda detém o poder de produção intelectual e como este ser se funda e se legitima na modernidade. Nos valem das concepções da filósofa Sueli Carneiro (2005), que por sua vez tem como base teórica as noções

⁹ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf . Acesso em: julho de 2021.

de Michel Foucault (1979) de *dispositivo*¹⁰ e *biopoder*¹¹, e Boaventura Souza Santos (1995), a fim de estabelecer o caminho percorrido entre *construção do outro como não ser*, feito pelo grupo hegemônico, até o epistemicídio.

A partir de Foucault, Carneiro elabora o conceito de *dispositivo de racialidade/biopoder* para analisar e projetar seus efeitos na realidade dinâmica das relações raciais no Brasil. Dessa forma, o epistemicídio é um sistema de seleção de conhecimentos, construído sob uma ótica racista, que recusa ou sequer considera pessoas negras como plenamente humanas (racionais), promovendo o assassinato de suas inteligências, que são deslocadas de seu próprio tempo de existência, retirando-as do presente e congelando-as em uma temporalidade pretérita. Em um jogo de oposições, para tornar-se contemporâneo é necessário apontar aqueles que não o podem ser, criam-se então mecanismos distintivos, que se valem da repetição contínua de um discurso estereotipado (BHABHA, 1998, p. 105), capaz de incluir grupos e sujeitos no tempo moderno e excluir aqueles que não possuem qualidades mínimas de inclusão, pois não correspondem ao arquétipo hegemônico.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. (CARNEIRO, 2005, p.97).

¹⁰ “Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (FOUCAULT, 1998, p.244)

¹¹ A noção de *biopoder* em Foucault está ligada ao conceito de biopolítica e diz sobre sistemas que delimitam direitos à vida e à morte. Foucault se vale da teoria clássica da soberania para se referir às políticas de vida e morte operadas pelo Estado sobre grupos e sujeitos.

“O soberano só exerce, no caso, seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como “de vida e morte” é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver.” (FOUCAULT, 1999, p.128).

O discurso de contemporaneidade, recorrente na tópica modernista, está em constante diálogo com epistemes racistas. Através das leituras de Bhabha (1998), Carneiro (2005) e Hall (2016) e seus possíveis diálogos, entendemos a mecânica que opera sobre estas estruturas de poder e como funcionam os mecanismos aniquiladores de determinados grupos sociais, edificados em uma sociedade racista. Em suma, o *dispositivo de racialidade/biopoder* enquanto arcabouço de sustentação dessa hierarquia social, é gerador do epistemicídio (produto), se valendo da *estereotipagem* (HALL, 2016, p.216) como uma das ferramentas de fixação da diferença durante o processo.

As personagens pretas em *Úrsula*: narrativas de liberdade.

A trama central de *Úrsula* gira em torno da impossibilidade de materialização do amor entre as jovens brancas protagonistas do romance, Úrsula e Tancredo. A medida que o enredo se desenvolve, Susana, Túlio e Antero, nos vão sendo apresentados e ganham relevância para o desenrolar dos acontecimentos, estando presentes nos momentos de clímax e desfecho.

Acreditamos que ao construir seu texto dentro dos preceitos estéticos românticos, no que tange a composição da trama, ambientação e estrutura narrativa, Maria Firmina tinha noções acerca da recepção de sua obra e, através de uma estratégia retórico-discursiva, insere suas personagens negras no enredo em que ganham desenvolvimento psicológico. Dessa forma, mesmo diante de um horizonte de leitoras e leitores pertencentes a elite patriarcal escravista, a qual Firmina desaprova, a autora consegue fazer sua crítica antiescravista.

Por meio da análise das personagens escravizadas do romance *Úrsula*, encontramos a forma outra como Maria Firmina dos Reis se filia à literatura romântica oitocentista e como constrói seu *ethos* de autora, que se manifesta quase que em uma ‘anti autoria’, na medida que edifica seu discurso em sentido oposto àquele estabelecido pelo cânone literário. Sendo assim, na análise literária recortada às personagens escravizadas, identificamos o conceito de liberdade formulado pela escritora, onde sua narrativa aponta para o único caminho possível de existência, uma conjuntura social onde seus semelhantes não são escravizados.

Preta Susana: A liberdade metamorfoseada na morte.

Preta Susana é uma escravizada de origem africana e, sob a posse de Luísa B., mãe de Úrsula, dispõe de um capítulo inteiramente dedicado a ela, intitulado com seu nome (REIS,

2018, p. 111-118). Ao longo da trama, Susana faz relatos de sua vida antes da captura, a liberdade que vivenciou e as relações afetivas e referentes ao trabalho ligado à terra, estabelecidas no continente africano. Por meio de sua voz são narradas situações de cativo, em que a personagem descreve as atrocidades do sistema escravista que vivencia com seus companheiros na mesma condição.

A personagem foge do movimento de *estereotipagem* comumente associado à mulher negra na representação literária, não correspondendo ao arquétipo da mulata hipersexualizada, tampouco é realçado atributos ligados a uma imagem idealizada da mucama. Embora seja escravizada por Luísa B., Susana e não é colocada como acessório da vida familiar: a personagem tem fala e se posiciona diante dos percalços que surgem, desobedecendo sua condição de escravizada¹².

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou: - Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! liberdade... ah! eu gozei na minha mocidade! - continuou Susana com amargura - Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente de meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! meu filho! mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em que me revia, em que tinha depositado todo o amor de minha alma: uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade!" (REIS, 2018, p. 114).

Enquanto aspecto recorrente no discurso romântico, há o escape narrativo que desloca a personagem com nostalgia a um passado saudoso e uma descrição densa da paisagem local a fim de ambientar e fortalecer através de imagens este retrospecto, diretamente ligado a um tempo pretérito, vivenciado na África. A narrativa de Susana também nos remete a outro passado para a população negra, que escapa àquele que estabelece sua história a partir do marco

¹² Lélia Gonzalez aponta os estereótipos produzidos especificamente para mulheres negras, presentes no regime de representação e que funcionam como desdobramento do que foi a mucama no Antigo Regime. A autora define as figuras da "mãe preta", a cuidadora de crianças que não são suas, intermediadora e facilitadora das relações e vida cotidiana de pessoas brancas; "a empregada doméstica", primeiro lugar pensado enquanto prestação de serviço destinado à mulher negra; e por fim, a "mulata", hipersexualização do corpo feminino negro, que é reduzido ao ato sexual. (GONZALEZ, 1984, p. 230).

temporal fixo da escravidão. A humanização da personagem se dá a partir dos relatos de felicidade, amor e constituição de família.

Em primeira pessoa, Susana estabelece a relação que tinham entre o trabalho e terra no país africano de origem, como se davam os procedimentos de contagem do tempo para a agricultura e a divisão das funções diárias para lidar com a roça, entre familiares ou membros da comunidade local. É a própria personagem que vasculha sua memória a fim de construir a narrativa que primeiro recria esses momentos de liberdade na vida cotidiana para em seguida relatar a ruptura mediante a escravização.

Vou contar-te o meu cativoiro.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um desses dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah! nunca mais devia eu vê-la...

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma *prisioneira* - era uma *escrava*! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava - pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! meu Deus! o que se no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!... (REIS, 2018, p. 115, grifos nossos).

A escolha para a construção narrativa é o realismo, que elabora um enredo cuja construção literária nos leva às imagens de suas atitudes diárias. O quadro ficcional afetuoso se quebra quando a personagem passa a narrar seu processo de captura, sem contudo se afastar do realismo ao descrever com espanto, sua transformação em “prisioneira” e “escrava”. Ao clamar por sua liberdade, Suzana relata apelar à sua condição materna que, não somente é ignorada como se torna motivo de deboche. A liberdade requerida pela personagem foi aquela forçosamente deixada na diáspora, sendo assim, o nacionalismo evocado pelo discurso romântico é transferido para uma noção de pátria, ainda que artificial mas, que remete ao continente africano.

A análise de Susana usa a morte como metáfora de liberdade¹³, caminho único para o cessar das dores e sofrimentos que lhe afligiam corpo e mente. Ao fim, Susana se liberta da dor, ao resistir às ordens de delatar o paradeiro de Úrsula e Tancredo, foragidos em meio à obsessão que Fernando P. nutre pela sobrinha. O comendador manda que se aplique um castigo tão severo na escravizada, que tamanha violência a mata.

“A mente ninguém pode escravizar¹⁴”: narrativas de liberdade, revolta e afeto na personagem Túlio.

Túlio é um escravizado jovem, nascido em cativo no Brasil. A construção psicológica da personagem é feita de modo a conciliar uma atitude consciente e revoltosa perante a escravidão, mas sua personalidade é afetuosa. O caráter amável de Túlio fortifica a imagem humanizada do sujeito escravizado no romance, sem se desvencilhar da realidade social escravista que lhe é imposta.

O primeiro capítulo do livro, “Duas almas generosas” (REIS, 2018, p.35-47) nos é narrado como Túlio encontra Tancredo e o salva da morte. Nesta seção, é estabelecida a amizade entre os dois, mediante a gratidão de Tancredo após a ajuda de Túlio. Ambas as personagens compartilham de um mesmo universo léxico-gramatical, e a linguagem do escravizado não é construída de forma estereotipada, conotando com fins intencionalmente jocosos uma ideia de inferioridade através do discurso falado, usada quando se pretendia incorporar a pessoa negra à trama romântica.

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar com vinte e cinco anos, e que ria franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e servidão não puderam resfriar, embalde - dissemos - se revoltava; porque se lhe erguia como barreira - o poder do forte contra o fraco!... (REIS, 2018, p. 41, grifos nossos).

Túlio é referido como "homem" e assim permanece em todo romance. É interessante notar que são compartilhadas imagens de consciência crítica à escravidão, tendo-a como odiosa

¹³“Boa parte do ‘mal do século’ provém dessa condição estética: desconfiança da palavra em face do objeto que lhe toca exprimir. Daí o desejo de fuga, tão encontradiço na literatura romântica sob a forma de invocação da morte, ou ‘lembrança de morrer’; há nela uma corrente pessimista, para a qual a própria vida parece o mal. Entre as suas manifestações a mais significativa é a associação do sentimento amoroso à ideia da morte”. (CANDIDO, 2017, p. 350).

¹⁴ (REIS, 2018, p.54).

e deplorável, e Túlio a sofre e a apresenta no corpo: “- *Sennor!- balbuciou o negro - vosso estado... Eu - continuou com o acanhamento que a escravidão gerava [...]*” (REIS, 2018, p. 43), contudo, ainda assim é representado como uma pessoa amável e gentil.

Túlio difere das três personagens analisadas por ser um jovem que já nasceu em cativeiro no Brasil, não vivenciando, pois, a verdadeira liberdade no continente africano. Mesmo após a fatídica decisão de, uma vez alforriado, não deixar de acompanhar Tancredo, demonstrado sua plena devoção, o que culminaria em sua morte, Túlio não está inerte diante da sua condição de escravizado, tampouco deixa de lamentar as perdas que sofrera em consequência do regime escravista. Em longa conversação que mantém com Tancredo, ele relata como foi separado da mãe ainda criança.

- Pois bem, - prosseguiu Túlio, com voz lacrimosa - minha desgraçada mãe fez parte *daquilo* que ele comprou aos credores, e talvez fosse ela mesma uma das *coisas* que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana, que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje!
Minha mãe previa a sorte, que a aguardava; abraçou-me sufocada em pranto, e saiu correndo como uma louca.
Ah! quão grande era a dor que a consumia! Porque era escrava, submeteu-se à lei que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada. (REIS, 2018, p.157-158, grifos do original)

Por meio do relato de Túlio, podemos compreender a coisificação da pessoa escravizada ao nível de produto pertencente a seus senhores, onde os laços parentais não são considerados. A dor da separação entre mães escravizadas e seus filhos, igualmente reduzidos à posse legal dos grandes potentados, é tema frequente nos textos de M. Firmina e é retomada em 1887, no conto *A escrava*.

“Maldito vício é esse! E que não possa eu vencer semelhante desejo!”¹⁵: A dedicação de Antero.

Antero está às ordens do comendador Fernando P., antagonista da obra. O capítulo em que é descrito, intitula-se “A dedicação” (REIS, 2018, p. 187- 196). Trata-se do desfecho final do romance, em que Túlio é feito refém por Fernando P. e fica sob os cuidados do escravizado para que, dessa forma, não possa ajudar Tancredo e Úrsula durante a fuga. Decrépito e

¹⁵ REIS, 2018, p. 188.

decadente, Antero se entrega ao alcoolismo como escape efêmero da sua realidade de escravizado. “Antero era um escravo velho, que guardava a casa e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas” (REIS, 2018. p. 187). Assim como Susana, o escravizado nascera em liberdade no continente africano e rememora, com amargura e desilusão o tempo em que era livre e podia estabelecer outra relação com a bebida, vista como compensatória ao fim de longas jornadas de trabalho no campo.

- Pois, bem, - continuou o velho - no meu tempo bebia muitas vezes, embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes?

- Perfeitamente - retorquiu Túlio, fingindo sorrir-se.

- Pois ouça-me senhor, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que diverte-se, brinca, e bebe. Oh! lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2018, p. 189).

Neste ponto, há um debate entre as personagens acerca do vício de Antero. Túlio estabelece a conversação com a finalidade de ludibriar o velho para que assim, possa fugir da prisão. Contudo, durante o diálogo, o escravizado demonstra uma plena consciência de si. Através da análise é estabelecida relações distintas com a bebida alcoólica, no país africano de origem, beber, estava ligado a recompensas após o período de trabalho ou às celebrações. Em contrapartida, uma vez escravizado, embriagar-se era visto com uma resolução ou deslocamento possível a realidade da escravidão, onde sua liberdade fora sequestrada, cujas expectativas são nulas, ao passo que na condição cativa, retira-se sua humanidade.

Hamilton Borges dos Santos (2020), professor, escritor e membro da “Reaja ou será morta@”,¹⁶ aborda o excesso de bebida alcoólica entre a população masculina preta, em que também operam os dispositivos do racismo para além do mero consumo. O autor argumenta que o alcoolismo é parte de uma postura forjada diante da sociedade racista, que impõe modos deturpados de vida aos homens pretos, entre eles ser vítima constante do consumo desenfreado e sem sentido. Assim, ao nos depararmos com a narrativa presente no texto de *Úrsula* acerca de Antero estabelecemos um longo histórico, em que o hábito de beber transforma-se em vício inalterável da realidade fatídica à qual homens pretos estão submetidos, nos alertando sobre sua condição destrutiva.

Não dá pra chamar de sadia essa quantidade de álcool que nós ingerimos. Gastamos dinheiro com álcool para nos alegrarmos entre nós, mas as estatísticas não metem! O álcool nos deixa mais tristes, melancólicos,

¹⁶ Disponível em: <https://reajaeditora.com.br/> Acesso em: julho de 2021.

vulneráveis e violentos. A bebida nos coloca como algozes de nossa própria gente. Nós, através do álcool, temos perdido tudo, temos destruído nosso futuro, temos adoecido de maus físicos e psicológicos. (BORGES, 2020).

Estar sob a constante mira de um sistema que intencionalmente cria mecanismos para transformar o consumo alcoólico em relação viciosa, patologizando o uso, para em seguida criar instituições onde estes corpos negros, adoecidos pela dependência, são depositados, é sobretudo uma estratégia do *dispositivo de racialidade/biopoder* estruturada por um Estado racista. A abordagem do alcoolismo na personagem firminiana traça uma linha evolutiva do quadro social da população negra no Brasil, que pode ser associada com a discussão de Borges e também com a conjuntura real do escritor Lima Barreto (1881-1922), que em *Diário do hospício & cemitério dos vivos* reúne seu próprio testemunho de internação em um texto ficcional inacabado que teve por inspiração sua vivência em uma clínica na cidade do Rio de Janeiro, no período de 25 de dezembro de 1919 à 02 de fevereiro de 1920.

Não me achou muito arruinado e, muito polidamente deu-me conselhos, para reagir contra meu vício. Oh! meu Deus! Como eu tenho feito o possível para extirpá-lo e, parecendo-me que todas as dificuldades de dinheiro que sofro são devidas a ele, e por sofrê-las, é que vou à bebida. Parece uma contradição; é, porém, o que se passa em mim. Eu queria um grande choque moral, pois físico já os tenho sofrido, semimorais, como toda a espécie de humilhações também. Se foi o choque moral da loucura progressiva de meu pai, do sentimento de não poder ter a liberdade de realizar o ideal que tinha na vida, que me levou a ela, só um outro bem forte, mas agradável, que abrisse outras perspectivas na vida, talvez me tirasse dessa imunda bebida que, além de me fazer porco, me faz burro.

Não quero morrer, não; quero outra vida.” (BARRETO, 1993, p.32, grifos do original)

Autor e obra se misturam no relato de Lima Barreto que estipula uma linhagem de problemas relacionados ao alcoolismo e “loucura” como parte integrante de sua família. Lima Barreto morreu em 1 de novembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro, aos 41 anos de idade. A cronologia do romance de Maria Firmina dos Reis, que em 1859 tece um debate sobre o alcoolismo entre pessoas escravizadas, transcende o texto de Lima Barreto e acompanha os registros atuais duramente debatidos por Hamilton Borges dos Santos. Com efeito, a literatura produzida por Maria Firmina no século XIX se mostra como uma narrativa lúcida de uma mulher negra a par de questões centrais, promovidas por um olhar interno sobre seus semelhantes.

Considerações finais

Úrsula funciona como representação do corpo negro e de uma identidade cultural pautada em um olhar diaspórico sobre África. O repertório linguístico e de imagens foge à estereotipagem por destoar do discurso da hipersexualização e subserviniência. Retirar Maria Firmina do vazio do desconhecimento é devolver à superfície um rico e vasto repertório artístico-intelectual; é uma obrigação ética da historiografia brasileira e do ensino de história que se comprometem minimamente com a pluralidade de discursos e sujeitos em sua narrativa; é reparar um longo hiato que impossibilitou principalmente à população negra, carente de representação e de narrativas históricas que não as colocam apenas como escravizadas, o conhecimento de uma mulher negra professora e escritora da literatura em nosso país.

A literatura feita por Maria Firmina dos Reis, pode ser compreendida como uma exceção que confirma a regra. Não possuímos mecanismos que possam mensurar em níveis quantitativos a produção artístico-intelectual negra no século XIX, que foram apagadas da historiografia que cobre os oitocentos, contudo, podemos afirmar que pessoas negras não existiram somente na condição de escravizadas e, considerando as mais variadas formas de expressão desses sujeitos, o que cabe à História é a normalização da presença de pessoas negras enquanto agentes nos tempos.

Referências:

Obras da autora:

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Taverna, 2018.

_____. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Edições Câmara, 2018.

_____. *Gupeva. O Jardim das Maranhenses 1861; Porto Livre. 1863; Echo da Juventude. 1865*

_____. *Cantos à beira mar poesia. Tipografia do paiz. 1871.*

_____. *A Escrava. Revista Maranhense. 1887.*

Bibliografia:

ADLER, Dilercy Aragão. *Maria Firmina Dos Reis: Consolidando a ressignificação de uma precursora. Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 59, p.217-222, 2018.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28875/17096>. Acesso em: maio de 2021.

ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Valdei Lopes; FREIXO, André de Lemos. Prefácio a BEVERNAGE, Berber. *História, Memória e Violência de Estado: tempo e justiça*. Mariana: Milfontes; SBTHH, p.13-22, 2018.

- ASSIS, Machado. *Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade*. Obra Completa de Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente em O Novo Mundo, 24/03/1873.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BLAKE, Augusto Vitorino Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol.6., 1900.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2005.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afrobrasileira*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29criticadeautoresfeminios/317mariafirminadosreiseosprimordiosdaficcaoafrobrasileiracritica>. Acesso em: julho de 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Direito de morte e poder sobre a vida*. In: *História da sexualidade - I A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje Anpocs*, São Paulo, 1984.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu, Tradução: Daniel Almeida e willian Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Antigos modernistas*. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.289-308.
- MORAIS FILHO, Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.
- MOURA, Clovis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Anita, 1994.
- PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n.54, v. 27, 2007.
- PEREIRA, Luisa Rauter. *“Substituir a revolução dos homens pela revolução do tempo” uma história do conceito de povo no Brasil: revolução e historicização da linguagem política (1750-1870)*. 2011. 280f. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Instituto de Estudos Sociais e Políticos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6363 Acesso em: maio de 2021.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. 2014. 326 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281270>>. Acesso em: maio de 2021.
- SANTOS, Hamilton Borges. *Entre nós , Homens Pretos: Pedagogia ao Pé da Orelha*. Disponível em: <https://teiadospovos.org/entre-nos-homens-pretos-pedagogia-ao-pe-da-orelha/> Acesso em: maio de 2021.
- WHITE, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- ZIN, R.B. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.